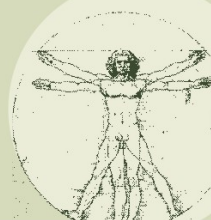




IV CSBCE
IV CONGRESSO SULBRASILEIRO
DE CIÊNCIAS DO ESPORTE

Faxinal do Céu - PR
19, 20 e 21 de setembro de 2008

CIÊNCIA e EXPERIÊNCIA:
Aproximações e Distanciamentos



EDUCAÇÃO FÍSICA E INTERNET: REFLEXÕES SOBRE A VISIBILIDADE DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA

Rogério Santos Pereira

Licenciado em Educação Física pela UFV
Mestrando do PPGEF/CDS/UFSC

Diego de Sousa Mendes

Licenciado e Mestre em Educação Física pela UFSC
Prof. Subst. MEN/CED/UFSC

Marise Botti

Licenciada em Educação Física pela UEM
Mestre em Educação Física pela UFSC
Prof. Colaboradora da Unicentro

RESUMO

O presente estudo investigou as transformações, possibilidades e limites da produção e veiculação do conhecimento em Educação Física a partir do advento das tecnologias de informação e comunicação (TIC's). O trabalho se caracteriza como um estudo exploratório e foi realizado a partir de levantamento bibliográfico e entrevista com editores de duas revistas científicas ligadas ao Centro de Desportos da Universidade Federal de Santa Catarina (CDS/UFSC). Os dados indicam que as TIC's favorecem a disponibilização imediata e gratuita da produção da área, mas, apesar das perspectivas promissoras, sua utilização está condicionada ao contexto socioeconômico e cultural a que estão inseridas.

ABSTRACT

This paper highlights the findings of an investigation about the changes in production and deployment of Physical Education knowledge as a result of information technology and communication improvements (TIC's). This qualitative and exploring research has been done through interviews with editors of scientific magazines that are associated to the Sports Center of the Universidade Federal de Santa Catarina – CDS/UFSC. Data indicates that the TIC's support immediate and free sharing of knowledge produced in this area. However, even conditioned to the cultural context of its agents, the TIC's does not necessarily result in quality improvements.

INTRODUÇÃO

Novas perspectivas de democratização e acesso à informação são viabilizadas com o desenvolvimento das novas tecnologias de comunicação e informação (TIC's). A convergência tecnológica entre informática e comunicação sustenta a virtualização e a globalização da sociedade. O processo de produção e divulgação da informação e do conhecimento deixou de ser hierárquico para se tornar horizontal, descentralizado e interativo. A tendência atual assumida por diversas áreas do conhecimento em direção à democratização do saber refere-se essencialmente ao processo de digitalização, ou seja, de disponibilização dos conteúdos na rede mundial de computadores, a internet.

Os caminhos de digitalização do conhecimento e conseqüente veiculação on-line acompanham e norteiam o desenvolvimento da produção do conhecimento nas sociedades contemporâneas. O surgimento de um meio ideal para a disponibilização imediata e gratuita de diversificados tipos de documento coloca todos os indivíduos na situação simultânea de emissores-receptores. Mas apesar das novas tecnologias de comunicação e informação apontarem perspectivas promissoras para a forma como a sociedade e a comunidade científica em especial lida com o conhecimento, a sua utilização está condicionada ao contexto socioeconômico e cultural a que essas tecnologias estão inseridas.

A Educação Física, enquanto área de conhecimento, busca acompanhar as necessidades crescentes de sua produção e veiculação, se consolidando enquanto área científica, atendendo às exigências dos órgãos de fomento à pesquisa e reduzindo custos operacionais. Paralelamente, as especificidades da Educação Física afluem os desafios que devem ser transpostos em busca de uma maior visibilidade para a produção científica da área.

Neste contexto, a pretensão deste trabalho é apresentar uma breve contextualização das transformações que a sociedade atravessa na sua relação com o conhecimento a partir da disseminação do computador ligado em rede e algumas interconexões com o âmbito do conhecimento científico e da visibilidade da produção científica da Educação Física no Brasil.

Para traçar esse quadro, nos apoiamos em um levantamento bibliográfico e em entrevistas abertas com editores de duas revistas científicas ligadas ao Centro de Desportos da Universidade Federal de Santa Catarina (CDS/UFSC), de diferentes linhas, uma destinada às temáticas da cineantropometria, desempenho humano e temas afins (*revista 1*), e outra voltada a debates plurais e interdisciplinares de âmbito mais gerais da Educação Física (*revista 2*). Foram entrevistados no total três editores, um deles da primeira revista e outros dois da segunda. Também nos valeu como referencial a vivência do cotidiano de um programa de pós-graduação que tem a produção científica como um dos pontos cruciais de avaliação por parte da CAPES.

DE GUTEMBERG AO HIPERLINK

No século XV, de posse do conhecimento do papel, da tinta e da matriz, o ourives alemão Johannes Gutenberg, observando os anéis que selavam documentos com o brasão das famílias, reverteu o processo e criou prensas que, ao invés de deixar relevo, serviriam para deixar a impressão. Surgia a impressão tipográfica. A produção do livro, até então manual e

extremamente cara, foi barateada, disseminando o acesso à cultura elaborada do mundo letrado. Para Chaves (2006, p. 07), “o livro, pode-se confiantemente dizer, foi o primeiro produto cultural de consumo de massa. Se a fala foi a tecnologia que tornou possível a educação, o livro impresso foi a tecnologia que lhe causou a primeira grande revolução”.

Ao longo da história, as bibliotecas foram pontos cruciais das universidades, com seus acervos impressos que armazenavam o conhecimento da civilização. As TIC's vêm transformando progressivamente a relação da humanidade com esse conhecimento por ela produzido. Cunha (2000, p. 80) aponta que em todas as épocas, bibliotecas sempre foram dependentes de tais tecnologias:

A passagem dos manuscritos para a utilização de textos impressos, o acesso a base de dados bibliográficos armazenados nos grandes bancos de dados, o uso do CDROM e o advento da biblioteca digital, no final dos anos 90, altamente dependente das diversas tecnologias de informação, demonstram que, nos últimos 150 anos, as bibliotecas sempre acompanharam e venceram os novos paradigmas tecnológicos.

O computador, que primeiro organizou os catálogos e acervos das bibliotecas, ampliou suas potencialidades com a sua ligação em rede e com a crescente capacidade de processamento e armazenamento de informação. A digitalização é a nova fronteira pela qual a informação transita. Se digitalizada usando a tecnologia atual, toda a informação da humanidade, das tábuas de argila aos bilhões de sites, pode ser comprimida em um espaço de 50 petabytes. Hoje, toda essa informação poderia ser armazenada em um prédio de uma modesta biblioteca. As previsões para o futuro é que essa informação poderá ser armazenada em um aparelho que caberá no bolso.

As estimativas são de que um milhão de livros estão sendo escaneados por ano em todo o mundo. A transformação de livros impressos em números binários é apenas um passo. O maior salto ocorre quando se pensa no acesso a esse gigantesco acervo digital que está se constituindo. A disponibilização online faz com que os limites físicos da distância sejam superados. Os mecanismos de busca fornecem pesquisas cada vez mais refinadas. Portais são criados para concentrar informações de temática e natureza específicas. Os custos de produção, armazenamento e distribuição são reduzidos. O acesso tem chances reais de ser democratizado a partir do virtual. Para Kelly (2006, p.4)

o mundo estático do conhecimento dos livros será transformado por esse aumento de relações assim que cada página de um livro descobrir outras páginas de outros livros [...] De maneira geral a biblioteca digital se torna um texto muito, muito longo: torna-se o único livro do mundo.

O desafio que se tem a seguir é a superação das barreiras que dificultam ou impedem o acesso à informação digital. Devemos pensar que a exclusão digital não é um fator isolado. Ela se apresenta como uma dimensão da desigualdade social e reflete as contradições e tensões que estão postas na sociedade. Cinco fatores que determinam a maior ou menor

universalização dos sistemas baseados nas novas tecnologias de comunicação e informação são traçados por Sorj (2006): 1) a existência de infra-estruturas de transmissão; 2) equipamento/conexão de acesso (computador, modem, linha de acesso); 3) treinamento para o uso do computador e da Internet; 4) capacitação intelectual e inserção social do usuário; 5) a produção e uso de conteúdos específicos dos diversos segmentos da população.

Aos fatores apontados por Sorj (2006), é pertinente acrescentar outro fator determinante ao se pensar a dinâmica da informação nas universidades e o seu diálogo com a sociedade: *o acesso aberto à literatura a partir da sua disposição livre e pública na Internet.*

É evidente que digitalizar o conhecimento não garante o seu acesso. Apenas começamos a explorar o potencial que as novas tecnologias podem oferecer ao dinamizar e fazer fluir a informação através da rede. Temos que considerar que as TIC's carregam marcas socioeconômicas e culturais da sociedade em que estão inseridas. Ferreira (2006, p. 02) ressalta que “predomina ainda na rede uma economia de trocas baseada nas regras do mercado, em que para tudo existe um preço. Na área científica, não é muito diferente; pelo contrário, a indústria da informação vigente impacta diretamente a forma e o modelo estabelecido para o processo da comunicação científica”.

O grande potencial da Internet não pode se restringir a um baixo uso dos seus recursos onde uma pequena parcela da população tem acesso às suas informações. As TIC's devem ser aliadas da universidade nas tarefas de criação, preservação, integração, transmissão e ampliação do conhecimento.

ARQUIVOS ABERTOS, PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO E EDUCAÇÃO FÍSICA

As mídias digitais e a Internet instituíram uma nova realidade para o conhecimento científico. A veiculação on-line de textos científicos inverte a lógica da indústria da publicação que se ampara no processo de produção, impressão e distribuição condicionada à materialidade do papel. Os elevados custos desse processo geralmente são repassados aos assinantes das revistas.

O rompimento com esse modelo se dá através de movimentos que pregam o livre acesso a documentos. Esses movimentos se valem desde o uso de softwares livres até o download de músicas e filmes. Também são observados na produção de livros gratuitos através de financiamentos públicos ou privados. No meio científico surgiu o modelo de Iniciativa dos Arquivos Abertos (do inglês, OIA), que tem como objetivo abrir caminho para o arquivamento público e universal da literatura de pesquisa acadêmica e científica na Web.

No Brasil, o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict) vem repassando o Sistema Eletrônico de Editoração de Revistas (SEER) à comunidade de editores científicos no Brasil. O SEER é um software desenvolvido para a construção e gestão de uma publicação periódica eletrônica. Segundo Arellano (2005, p. 02),

Esta ferramenta contempla ações essenciais à automação das atividades de editoração de periódicos científicos, permitindo completa autonomia na tomada de decisões sobre o fluxo editorial, a publicação e o acesso por parte do editor; ele define as etapas do processo editorial, de acordo com a política definida pela revista, mas dispendo de assistência e registro on-line em todas

as fases do sistema de gerenciamento. Na etapa de submissão, o sistema disponibiliza um espaço para comunicação com o editor e permite também o acompanhamento da avaliação e editoração do trabalho.

No mês de setembro de 2006 foram alcançados 100 periódicos científicos brasileiros usando o SEER, confirmando o seu papel como parte da nova geração de sistemas de gerenciamento de periódicos científicos que surge como modelo alternativo de publicação do conhecimento científico para ampliar o acesso, a preservação e o impacto das pesquisas e dos resultados daí provenientes. Arellano (2005, p. 04) ressalta também os benefícios que essa disseminação do uso do software traz:

A adesão a este movimento por parte das revistas científicas, pode, portanto, promover a circulação, o intercâmbio e o avanço do conhecimento científico, tendo em vista que o princípio que o norteia é o mesmo que acaba por restaurar o caráter da ciência como bem público, já que põe nas mãos da comunidade científica o controle de suas trocas simbólicas, tirando-o do oligopólio das instituições mais favorecidas.

O mundo digital também permite a veiculação de conhecimentos pela via não formal. Teses, dissertações e artigos são criteriosos, passam pela avaliação dos pares, recebem pareceres, são legitimados enquanto conhecimento científico, independente da sua veiculação ser pela via tradicional, impressa, ou pela via digital, on-line. Mas a dinâmica do conhecimento, aliada aos recursos propiciados pela Internet, fornecem, através da liberação do pólo de emissão da informação, caminhos para a troca, o diálogo, a construção coletiva do saber. Grupos de pesquisa mantêm sites, disciplinas podem estar associadas a blogs, comunidades científicas se comunicam por listas de discussão via e-mail. Os caminhos para a visibilidade do conhecimento se ampliam e são incorporadas cada vez mais às rotinas dos pesquisadores, professores e alunos.

Desafios para a visibilidade do conhecimento em Educação Física:

Enquanto campo de conhecimento, a Educação Física possui uma história recente construída ao redor das áreas às quais ela se associava em busca de legitimidade. Esse processo levou a uma perda de autonomia que só começou a ser superado na década de setenta com a solidificação de uma produção própria da área. Essa produção foi impulsionada pelos primeiros programas de pós-graduação e evidenciou o amadurecimento do pensamento científico associado à área. Mesmo ainda associados às grandes ciências mãe, os temas da Educação Física passaram a receber olhares da própria área, e não mais apenas a partir da medicina, da sociologia ou da pedagogia.

A produção e a veiculação do conhecimento em Educação Física constituem-se num problema de raízes históricas e culturais. Produção e respectivo consumo desse conhecimento estabelecem uma relação imbricada. Para um sujeitos da pesquisa, editor da *revista 2*,

consumo da produção significa ter uma massa crítica que consuma criticamente aquela produção, e nós não tínhamos e ainda temos bastante reduzida essa massa crítica, basta ver que nós temos um número grande de revistas de Educação Física que começa e não passa do número 3 do 4 e mesmo aquelas que vão continuando, vão continuando porque elas independem do assinante: são aquelas revistas que são mantidas por uma instituição.

Enfrentamos na sociedade brasileira, nas universidades e, conseqüentemente, na Educação Física, limites advindos da falta de hábitos de leitura. Embora tal afirmação tenha se tornado por vezes anacrônica e até mesmo de senso comum, visto o estágio de desenvolvimento da área, não parece ser este um fato superado, conforme apontam os estudos de Ferreira *et al* (2004, p.06):

Após analisarmos os dados coletados, concluímos que os 188 alunos pesquisados do curso de Educação Física da Universidade Católica de Brasília possuem uma freqüência de leitura insuficiente, dedicando pouco tempo a essa prática, tanto os alunos do primeiro quanto do oitavo semestre ainda não têm um hábito consistente de leitura, principalmente, de revistas e livros técnicos. Tal dado pode ser considerado grave, pois como observamos, a leitura indiscutivelmente o caminho para se adquirir uma cultura mais elevada e conseqüentemente um melhor nível de conhecimento.

Tal fato representa um obstáculo à veiculação do conhecimento em Educação Física na medida em que compromete a demanda por periódicos e revistas científicas, conforme aponta um dos editores da *revista 2*:

produzimos pouco porque lemos pouco, então não adianta nós termos muitas revistas com boa produção, com visibilidade, se não tiver pessoas p/ consumir, e essas pessoas tem que ser os professores de Educação Física, porque nós não temos uma grande área acadêmica e a nossa inserção no mundo acadêmico ainda é muito restrita. O circuito das revistas ainda é o meio acadêmico que lê pouco, não vamos imaginar que vai dar visibilidade se não mexer com essa cultura dos nossos estudantes de Educação Física.

Para outro entrevistado, “a maior parte dos assinantes de periódicos de Educação Física são as bibliotecas das instituições de ensino superior e não os próprios acadêmicos, professores e pesquisadores da área”. Embora essa informação possa parecer uma afirmação de bom grado, é evidente que também nas bibliotecas os periódicos são sub-utilizados devido à falta de hábitos de leitura da comunidade acadêmica. Em pesquisa disponível na internet¹ constatou-se que 70% dos pesquisados não lêem revistas ou periódico sobre avanços

¹ Referimo-nos a pesquisa intitulada “Inquérito À Cultura Científica Dos Portugueses”, de 1996, disponível em www.oces.mctes.pt/docs/ficheiros/questionario2000.pdf

tecnológicos, somente 2% dos investigados afirmam recorrer a este tipo de leitura. Não há, portanto, entre os pesquisadores o hábito efetivo de leitura de revistas e livros técnicos.

Para pensar a produção e a veiculação do conhecimento em Educação Física não podemos deixar de considerar os objetivos, finalidades que norteiam os caminhos trilhados. O surgimento de muitos periódicos associados à área está relacionado a um “espírito romântico” atribuído ao conhecimento, expressão utilizada pelo *editor da revista 1*:

Naquela época (1999) nós estávamos interessados em que o núcleo pudesse oferecer à comunidade científica uma produção, um conhecimento. E naquela época, imbuído de um espírito romântico, nós achamos melhor criar uma revista. E assim foi feito com a idéia de que a revista fosse anual, e que não fosse exclusiva para a produção do núcleo de cineantropometria, mas que fosse aberta a toda comunidade brasileira.

O estabelecimento de critérios de avaliação a partir da CAPES que qualificavam os periódicos científicos alterou como consequência os critérios de avaliação dos programas de pós-graduação. O Sistema de Classificação de Periódicos, Anais e Revistas - Qualis² - é o resultado do processo de classificação dos veículos **utilizados** pelos programas de pós graduação para a divulgação da produção intelectual de seus docentes e alunos. Além dos docentes e discentes dos programas de pós-graduação, que tiveram que se submeter às novas exigências de produção do conhecimento, os periódicos também tiveram que se adequar aos novos critérios. Este parece ter sido o “fim do romantismo”.

Quando nós iniciamos a editoração da revista não se falava em qualis, pelo menos na nossa área, então qualquer revista seria uma produção científica de qualidade, a partir da exigência do qualis as revistas não se enquadravam no qualis, então... e aí acabou o romantismo e você tem que dizer e agora, nós vamos aumentar nossa periodicidade para conseguir o qualis ou desistir? (editor da revista 1)

A Comissão de Avaliação na Área de Educação Física, Fisioterapia, Terapia Ocupacional e Fonoaudiologia, para o triênio de 2001/2004³, apontou que “de todo o conjunto de novos critérios, os referentes à produção foram os que geraram as discussões mais calorosas seja ao longo do triênio, quanto no próprio de avaliação. As exigências colocadas pelos critérios nesse quesito geraram uma expectativa inicial pessimista quanto ao futuro da área”.

² A classificação é feita ou coordenada pelo representante de cada área e passa por processo anual de atualização. Os veículos de divulgação citados pelos programas de pós graduação são enquadrados em categorias indicativas da qualidade - A, B ou C e do âmbito de circulação dos mesmos - local, nacional ou internacional. As combinações dessas categorias compõem nove alternativas indicativas da importância do veículo utilizado, e, por inferência, do próprio trabalho divulgado.

³ Disponível em:

http://www.capes.gov.br/capes/portal/conteudo/2003_021_Doc_Area.pdf#search=%22capes%20crit%C3%A9rios%20qualis%20educa%C3%A7%C3%A3o%20f%C3%ADsica%22

Como exemplo, segundo o “Critério para Classificação de Periódicos no Sistema Qualis: Grande Área de Saúde triênio 2004-2006⁴”, área que normatiza a produção da Educação Física, classifica como **Qualis Nacional A** os periódicos indexados no SCIELO⁵, “brasileiros ou não, que tenham circulação nacional e que atendam os critérios de composição de corpo editorial e de consultores, regularidade e periodicidade, definidos pelas Áreas de Avaliação”.

Os critérios colocados pela CAPES visam ampliar a produção científica do país. Porém, fica o questionamento: prezamos pela qualidade ou pela quantidade? Será que o atropelo exigido pelo ritmo fabril de publicações exigido aos pesquisadores permite a reflexão e o aprofundamento necessários ao desenvolvimento da Educação Física enquanto área de conhecimento? Segundo Betti et al (2004) o exame da biografia do sociólogo alemão Norbert Elias (1897-1990) - hoje reconhecido com um dos grandes nomes da Sociologia contemporânea - revela que ele pouco publicou durante a maior parte de sua vida. Fosse ele docente de um programa de pós-graduação em Educação Física, no Brasil de hoje, teria sido descredenciado.

Vivenciamos uma busca desenfreada pela publicação em periódicos reconhecidos através do Sistema Qualis. Mas essa realidade não leva em consideração as características da veiculação do conhecimento em Educação Física no Brasil, a sua relevância social e o público a que ela se destina.

Possuímos hoje uma desproporção entre o número de eventos na área (congressos, simpósios, seminários) e o número de periódicos indexados. Se por um lado os eventos propiciam uma oportunidade impar de troca de experiência e conhecimento, por outro eles são válvulas de escape de uma lógica que apesar de exigir a publicação, não garante meios favoráveis para que isso de fato ocorra. Sem querer desmerecer os eventos sérios e prestigiados da área da Educação Física, sabemos que muitos deles funcionam como caça-níqueis: são caros e não prezam pelo rigor científico.

Já os periódicos existentes não suportam a demanda e diversidade da produção da área. Apesar da Educação Física se encontrar alocada na Área 21 da CAPES, que congrega cursos associados à Área das Ciências da Saúde (Educação Física, Fonaudiologia, Fisioterapia, Terapia Ocupacional), temos características multidisciplinares que não são contempladas durante a avaliação da produção. Segundo o documento final produzido no Fórum Permanente de Pós-Graduação em Educação Física⁶, “somos uma área de produção de conhecimentos e intervenção, na qual o desenvolvimento da pesquisa no campo é de natureza multidisciplinar. Assim, a área pode estar vinculada tanto às ciências da saúde quanto às ciências humanas e sociais”.

⁴ Informações sobre o Sistema Qualis como critérios utilizados para avaliação e lista de periódicos por área são disponibilizadas em <http://qualis.capes.gov.br/>.

⁵ A Scientific Electronic Library Online - SciELO é uma biblioteca eletrônica que abrange uma coleção selecionada de periódicos científicos brasileiros. A Scientific Electronic Library Online - SciELO é uma biblioteca eletrônica que abrange uma coleção selecionada de periódicos científicos brasileiros.

⁶ O Fórum Permanente de Pós-Graduação em Educação Física aconteceu nos dias 7 e 8 de agosto, na Faculdade de Educação Física da Unicamp, com intuito de construir um espaço permanente e qualificado para discussão da Pós-Graduação em Educação Física no Brasil. Disponível em <http://www.cbce.org.br/br/acontece/materia.asp?id=133>.

O que ocorre hoje é que uma pesquisa que tematize a aula de Educação Física não tem o reconhecimento do Qualis Periódico se for publicada na *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, que é classificada como Qualis Nacional A na área de Educação. Para ter o status de Qualis Nacional A, o mesmo texto teria que se adequar, por exemplo, às normas da *Revista Brasileira de Otorrinolaringologia*, ou da *Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia*, ambas classificadas na área em que está situada a Educação Física.

Outra distorção diz respeito à natureza da produção do conhecimento na nossa área. Apresentamos uma concentração significativa da nossa produção sob o formato de livros e capítulos livros, que ainda não são avaliados pelo Qualis. Se a Educação Física se caracteriza por ser uma área de produção de conhecimentos e intervenção, temos que garantir que esses conhecimentos alcancem a prática cotidiana dos profissionais da área, que é essencialmente pedagógica. Para o professor, que tipo de conhecimento possui maior relevância social: o artigo internacional inacessível a ele ou o livro que dialoga com as problematizações da sua atuação profissional?

Entre os encaminhamentos a curto prazo propostos pelo Fórum para sanar ou minimizar essas distorções, estão, entre outros a adoção imediata do Qualis Livro e o reconhecimento do Qualis Periódico de outras áreas. Essas medidas poderiam evitar que professores/pesquisadores que possuem uma contribuição efetiva na consolidação da Educação Física fossem descredenciados dos programas de pós graduação por não atender aos critérios de avaliação vigentes.

Questões técnicas-operacionais também estão no centro da discussão sobre a veiculação do conhecimento em Educação Física no Brasil. O formato impresso, preferido por muitos leitores, é de produção cara e distribuição difícil. O acesso aos periódicos produzidos em papel encontra seu entrave nas deficiências das bibliotecas, no alto custo das assinaturas, na dificuldade que os responsáveis pela revista têm de manter sua periodicidade diante dos gastos com a produção, impressão e distribuição. A digitalização é apontada como solução para driblar limites apresentados pelo formato impresso.

Uma possibilidade de solução é mudar não só na qualidade, mas buscar as estratégias de veiculação e aí é que entra o aspecto digital, pela gratuidade, pela facilidade de acesso, pela expansão da tecnologia digital que está chegando as escolas, quando eu penso em dar visibilidade a Educação Física e associo isso com as tecnologias de informação eu não descarto todos esses fatores anteriores, mas acho que essa estratégia de digitalização ela é mais acessível do ponto de vista financeiro p/ professores e mais acessível p/consumo, porque as pessoas hoje tem essa cultura do contato tecnológico com as mídias, e talvez isso seja mais fácil do que ficar esperando uma assinatura que chegue. (editor da revista 2)

A digitalização do conhecimento levanta discussões quando colocada em contraposição com o formato impresso. O que se percebe na transição do papel para a tela do computador ultrapassa as diferenças do suporte de leitura. Chartier (2002. p. 23), estudioso especializado em história do livro e da leitura, ressalta que o que se torna mais difícil com o advento do texto eletrônico é:

a percepção da obra como obra. A leitura diante da tela é geralmente descontínua, e busca, a partir de palavras-chave ou rubricas temáticas, o fragmento textual do qual quer apoderar-se (um artigo em um periódico, um capítulo em um livro, uma informação em um web site), sem que necessariamente sejam percebidas a identidade e a coerência da totalidade textual que contém esse elemento.

Para o autor, as rupturas para a ordem dos discursos causadas pelo texto eletrônico não erradicarão o texto impresso ou manuscrito. Esse posicionamento corrobora com a relação do papel com o leitor observada pelos editores entrevistados. A coexistência em dois formatos foi uma tendência seguida pelas duas revistas do CDS/UFSC.

Entre o papel impresso e a tela que se abre para um mundo textual sem fronteiras, transitamos pela necessidade de compartilhar o conhecimento historicamente elaborado pela humanidade. Veicular o conhecimento se mostra como uma tarefa tão árdua e cheia de nuances quanto a própria produção desse saber. Longe de esgotar as distorções e contradições dos sistemas de avaliação, as perspectivas para a digitalização da produção intelectual humana, entre tantas outras questões que permeiam o tema, fica a certeza apontada de que *“qualidade é um fator determinante na existência ou não das revistas, revista que não tiver qualidade mesmo sendo digital, mesmo sendo de graça, ela morre, não avança”* (editor B da revista 2).

REFERÊNCIAS

ARELLANO, Miguel Ángel Márdero; DOS SANTOS, Regina Maria Duarte Moreira; DA FONSECA, Ramón Martíns Sodoma. SEER: disseminação de um sistema eletrônico para editoração de revistas científicas no Brasil. *Arquivistica.net*, vol. 1, nº 2, 2005. (Online). Disponível em <http://www.arquivistica.net/ojs/include/getdoc.php?id=110&article=33&mode=pdf>. Acessado em 19/07/2006.

BETTI, Mauro; CARVALHO, Yara Maria de; DAOLIO, Jocimar ; PIRES, Giovani De Lorenzi. *A avaliação da Educação Física em debate: implicações para a subárea pedagógica e sociocultural*. (Online). Disponível em http://www.capes.gov.br/rbpg/portal/conteudo/183_194_avaliacao_educacaofisica_debate.pdf. Acessado em 27/08/2006.

CHATIER, Roger. *Os desafios da escrita*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

CHAVES, Eduardo O. C. *A Tecnologia e os Paradigmas na Educação: O Paradigma Letrado entre o Paradigma Oral e o Paradigma Audiovisual*. (Online). Disponível em <http://www.escola2000.net/futura/textos-reflex/ec-leitura.htm>. Acessado em 23/07/2006.

CUNHA, Murilo B. Construindo o futuro: a biblioteca universitária brasileira em 2010. *Ci. Inf.*, Brasília, v. 29, n. 1, p. 71-89, jan./abr. 2000.

FERREIRA Sueli Mara S.P.; MUNIZ JR. José de Souza. *O Movimento do Livre Acesso e a democratização de conteúdos científicos: um projeto de editoração eletrônica de revistas de*

Ciências da Comunicação. (Online). Disponível em <http://dici.ibict.br/archive/00000568/01/artigo1.PDF>. Acessado em 20/07/2006.

KELLY, Kevin. A biblioteca universal. *Edição veja especial tecnologia*, ano 39, n° 71. jul 2006.

MACHADO, A. Publicações científicas: da galáxia de Gutenberg à aldeia telemática. *INFORMARE: Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação*, v.2, n.1, p.70-80, jan./jun.1996.

SORJ, Bernardo. *Brasil@povo.com: a luta contra a desigualdade na Sociedade da Informação*. Rio de Janeiro : Jorge Zahar ED, 2003.